

OS MARGINAIS NA BÍBLIA: LÚCIFER E MADALENA

Salma Ferraz (UFSC)¹

Resumo: O presente artigo pretende analisar a trajetória de dois personagens marginais na Bíblia: Lúcifer e Maria Madalena.

Palavras-chave: Teologia; Literatura; Teopoética; Lúcifer; Maria Madalena.

A Teopoética é um novo ramo de estudos literários voltados para a reflexão literária de textos como os bíblicos, para o diálogo, para o debate, por vezes, conflituoso, porém fértil, entre Teologia e Literatura. Uma das perguntas centrais que a Teopoética tenta responder é se a Teologia suporta uma crítica estética, ou ainda, se a fé aceita uma análise puramente literária dos textos bíblicos. Esta e outras perguntas são debatidas por Karl Josef Kuschel em seu livro *Os Escritores e as Escrituras*.

E é dentro deste diálogo entre Literatura e Teologia que queremos resgatar dois importantes personagens bíblicos considerados párias dentro do Cristianismo: Lúcifer e Maria Madalena. No entanto, muitos outros existem: Caim, Jezabel, Judas, etc.

1. Lúcifer - o secundogênito do Pai

Quem afinal é Lúcifer? Ele é a mesma serpente que no Paraíso tentou Adão e Eva? Ou a serpente era um mensageiro dele? Lúcifer é o mesmo Satanás que tenta Jó devidamente autorizado por Deus? Lúcifer é o mesmo Satanás que tenta Jesus no deserto com perguntas ridículas? Ele é a *Estrela da Manhã* de Isaías 14:12-14? Ele é

¹ Professora Associada de Literatura Portuguesa da UFSC, Pós-Doutora pela UFMG na área de Literatura e Teologia e cursa Teologia na FACASC. Atua na Pós-Graduação em Literatura com a linha de Pesquisa *Teopoética - Os Estudos Comparados entre Teologia e Literatura*. É autora de diversos livros de teoria e ficção. E-mail: salmaferraz@brturbo.com.br.

quem Ezequiel 28:12-15 descreve como “Perfeito era em teus caminhos até que nele foi achada iniquidade”? Ele é aquele que caiu do céu, como um raio, citado em Lucas 10:18? Ele é o Diabo, o Dragão e a antiga Serpente, amarrada por mil anos, que arrastou consigo a terça parte dos anjos celestes, descrito em Apocalipse 20:2? Que poder das trevas é este que seduz e encanta o mundo há dois mil anos? Afinal, quem realmente é a criatura fracassada criada por Deus? Quem é o Diabo? Quem é Lúcifer, o maior pária de todos os tempos? Qual sua verdadeira origem, qual seu pecado, qual seu verdadeiro nome? Era perfeito? Se era perfeito não poderia ter pecado e se pecou Deus não o criou perfeito! Mas Deus é perfeito! Como sair deste paradoxo? Mistérios luciféricos... Párias que revelam o centro. Lúcifer, o primeiro rebelde do Cristianismo, seguido por Eva, a segunda rebelde, que tentou e conseguiu roubar o fogo dos deuses, seguido por Caim, desprezado e preterido por YHVH, sem explicação alguma.

Se os estudos teológicos e literários dão conta de uma Teopoética que se manifesta em vários autores, conforme o proposto por Kuschel (1999) em seu livro *Os escritores e as escrituras*, se a Teodicéia já foi proposta por Gottfried Leibniz em 1710 em seu estudo intitulado *Essais de Théodicée sur la bonté de Dieu, la liberté de l'homme et l'origine du mal*, se a epopeia de Jesus já foi centenas de vezes revisitada, quem afinal contou a epopeia de Lúcifer, a antiépica de Lúcifer, ou aquilo que denominamos antiteodicéia de Lúcifer, Odisséia Luciferina ou Satanicéia? Porque se Deus, conforme tão bem apontou Jack Miles (1997) em *Deus - uma biografia*, é um membro quase virtual da família ocidental e está impregnado no DNA da civilização ocidental, o que dizer do Diabo, de Lúcifer? Afinal, a outra face da moeda deveria acompanhar o sucesso Daquele! Como o homem Ocidental consegue equilibrar-se entre a hipótese Deus e a hipótese Lúcifer? Será que só a estória de Tróia, de Ulisses e de Jesus são o suficiente para a humanidade, conforme lembrou Borges? E a magnífica trajetória de Lúcifer, onde fica? Talvez este anjo milernamente rejeitado esteja mais próximo do ser humano do que qualquer pessoa da Trindade, justamente por ter sido *demasiadamente humano*.

Na sua obra *Biografia do diabo* (1996), o crítico Alberto Cousté afirma que o *Diabo é dor de Deus*. O escritor Eça de Queirós no conto *O Senhor Diabo* (1877) afirma que o *Diabo é a figura mais dramática da História da Alma* e que o *Diabo tem talvez nostalgia do céu!* Harold Bloom, em *Anjos Caídos* (2008), conclama os humanos a se solidarizarem com o velho Satã, porque afinal, todos nós não passamos também de Anjos Caídos. Cabem aqui duas perguntas interessantes: 1) não seria Satanás apenas a imaginação de Deus? 2) Não seria o Diabo apenas uma criação do homem, que o criou a sua imagem e semelhança?

O escritor Giovanni Papini, cujo pensamento variou entre o ceticismo e o catolicismo, publicou em 1953 um livro denominado *O Diabo: Aparentamentos para uma futura Diabologia*. Ali ele adjetiva Lúcifer de *O Anjo Fulminante* e constrói uma espécie de *Summa Diabológica*. Para Papini o Diabo merece ser perdoado, foi um personagem necessário à paixão de Jesus, colaborou para isto, sendo nesta tragédia, talvez, o único inocente. Papini afirma que Satanás talvez esteja desde o princípio esperando um movimento de compaixão de Deus, de Jesus, dos cristãos, dos homens.

Papini analisa o pensamento de núpida Lucius Caecilius Firmianus, conhecido por Lactâncio. Na obra *Divinae Institutiones II*, este afirma que Lúcifer teria

sido nada menos, nada mais que o irmão do *Logos*, do Verbo, isto é da Segunda Pessoa da Trindade. Papini analisa Lactâncio:

No Espírito primogênito, cumulado de todas as virtudes divinas e que Deus amou sobre todos os outros, é fácil reconhecer o Verbo, isto é, o Filho por excelência. **Mas a narrativa de Lactancio faz pensar que o outro espírito, igualmente dotado, era o secundogênito do Pai: o futuro Satã, seria destarte nada menos que o irmão mais novo do futuro Jesus Cristo.** E Satã não teria sido invejoso do homem – como sustentaram S. Cipriano, S. Ireneu e S. Gregório de Nissa –, **mas invejoso sim do próprio irmão.**² (Papini 1954: 93-94)

O teólogo Paul Tillich, em sua obra *Filosofia da Religião* de 1925, afirma que o demônico aparece em contraposição ao divino e ambos estão inseridos na esfera do Sagrado: O demônico é o Sagrado precedido por um sinal ‘menos’: o anti-divino sagrado. Carlos Eduardo Brandão Calvani analisando o pensamento de Tillich, acrescenta que se trata do sagrado negativo, destrutivo. Entretanto, ainda é sagrado, uma vez que provém do mesmo abismo de onde flui a graça (Calvani 1998: 59).

O jesuíta J. M. Martins Terra, em sua obra *Existe o Diabo? Respondem os Teólogos*, afirma que

A existência do Diabo nunca foi negada por nenhum Papa, nenhum Concílio, nem nunca foi posta em dúvida por nenhum heresiarca. Sem dúvida alguma é uma verdade de *Fide Divina et Catholica* pelo Magistério Ordinário da Igreja. **Logo é um dogma de fé.** (Martins Terra 1975: 277-278)

Ou seja, se você não acredita em Deus, você é ateu, mas se não acredita no Diabo é igualmente ateu, já que a crença nele é um dogma de fé. Portanto, tínhamos os *sem-Deus* e agora temos o *sem-Diabo*. Não é sem razão que Jorge Luis Borges considerava a teologia como um gênero similar ao gênero fantástico.

Já Peter Stanford (2003) em *O Diabo: uma Biografia*, a partir dos estudos de Freud, entende que todas as acusações doentias lançadas pela Inquisição sobre as mulheres consideradas bruxas, revelam apenas o alto grau de repressão sexual no período medieval, um monstruoso inconsciente sexual reprimido. Afirma que as possessões não passavam de problemas psiquiátricos e estas, juntamente com a própria questão do Diabo, entraram em declínio no século XX, com o aprimoramento da Medicina e das Ciências. Portanto, o lugar do Diabo a partir do século XX, ficou relegado às poltronas dos psiquiatras. O estudioso concebe o Diabo como uma linha maligna e atemporal do inconsciente coletivo ocidental, um grave distúrbio cerebral, psicose funcional, esquizofrenia coletiva ocidental. Mas estaríamos então presenciando o eclipse do Diabo? Segundo Stanford a resposta é não. Na terceira parte de seu livro, num capítulo intitulado “Ainda é muito cedo para um obituário”, ele explica que a cultura popular sustenta a existência do Diabo e o Cristianismo tem

² Todos os negritos deste artigo são de autoria da articulista.

medo de aposentar seu filho predileto – Diabo, *o primeiro rebelde do cosmos*, já que ele funciona como uma espécie de esqueleto *dentro do armário*, espécie de arma secreta deixada no limbo, a ser usada nos momentos de crise e falta de fé.

Alberto Cousté (1996) na conclusão de seu livro *Biografia do Diabo – O diabo como sombra de Deus na História*, afirma que no século XIX e no século XX, Satanás foi e continua sendo um grande personagem literário e que sua maior estratégia, sua grande obra para sobreviver é se converter em personagem de ficção e nos convencer de que ele não existe, como já afirmava Baudelaire. Já no conto *Nostalgia do Amor Ausente*, Walmor Santos dá voz ao rejeitado dos mil anos do cristianismo:

Chamo-me Lúcifer, *aquele que traz a luz*. Assim cantavam os anjos menores, até que lhes foi proibido este canto. Desde então, meu apelido corrói os tempos anunciando *aquele que arma ciladas*. Bazófia: o homem dispensa Satanás e sabe perder-se por si mesmo. (Santos 1996: 121)

Se a glória de Deus é encobrir, como relata Provérbios 25:2, parece que a glória dos escritores é investigar: creio, logo duvido; não creio, logo questiono. Questionar Deus e o Diabo. Entre as maiores perguntas do Ocidente estão estas: Deus existe? Quem criou Deus? Entre tantos estudiosos desse assunto citamos três, com suas obras mais recentes: *Deus, uma Biografia*, de Jack Miles (1997); *Deus, um Delírio*, de Richard Dawkins (2007); e *Tratado de Ateologia*, de Michel Onfray (2007). No entanto, por que não colocar a questão da existência divina a partir de um olhar antiteticamente teológico? *O Diabo existe? Você acredita no Diabo?*

Não são poucas as obras dedicadas a Lúcifer/Satanás, mais comumente conhecido por Diabo, além de centenas de apodos nada elogiosos. Não nos compete, em tão pouco espaço, a ontológica tarefa de debater o problema da existência ou não do Diabo; isso pertence aos demonólogos. Uma vez constatada a inquestionável presença do Diabo na teologia cristã e na literatura ocidental, pontuaremos alguns aspectos das possíveis biografias do Diabo na Bíblia, o Diabo e os Teólogos, o Diabo e os teóricos.

Sobre Deus, o pensador alemão Leibniz já cunhou em 1710 o conceito de Teocidéia³, mas, afinal, quem escreveu a odisséia de Lúcifer? Parece que ninguém quer defender o chamado Anjo Caído... Algumas vozes luciferinas do terceiro milênio já são ouvidas, das quais citamos três (outras estão listadas na bibliografia final): *A Biografia do Diabo* (1996), de Alberto Cousté; *História Geral do Diabo* (2001), de Gerard Messadié; e *Uma História do Diabo* (2001), de Robert Muchembled. Parece-nos, com essa abertura ao questionamento sobre a existência de Lúcifer, que é a hora e a vez do *tinioso*, aquele cujo nome as pessoas preferem não pronunciar.

³ A Teocidéia é um campo da Teologia natural que defende a onipotência, a onisciência, a justiça e a bondade de Deus. É contra a ideia de que a presença do mal e do sofrimento no mundo reduzem ou minimizam os atributos divinos. Essa expressão foi criada por Leibniz, em um estudo intitulado *Essais de Théodicée sur la bonté de Dieu, la liberté de l'homme et l'origine du mal*, publicada em 1710. Nesse ensaio o filósofo debatia a bondade de Deus, tentava um tratado racional sobre Deus, sobre a liberdade do homem e a origem do mal. Perante o problema do mal, o filósofo assumiu uma posição otimista, concluindo que o mundo criado por Deus ainda é o melhor dos mundos possíveis.

1.1. O Diabo na Bíblia

Se observarmos com cautela o *Antigo Testamento*, constataremos que não existe menção ao Diabo. O Diabo nasceu, fecundou e procriou junto com o cristianismo. No Antigo Testamento temos o episódio da tentação e da serpente que provocou a queda de Adão e Eva⁴, relatado em Gênesis 3, depois o ritual envolvendo o dia da *expição* e o bode expiatório em Levítico 16, e, mais à frente, o surpreendente Livro de Jó, no qual aparece pela primeira vez Satanás. Com relação ao episódio da serpente, provavelmente foi escrito por influência de mitologias ou lendas de outras culturas no Oriente Médio com os quais os judeus tiveram contato, já que a serpente, nessas culturas, era símbolo de sabedoria, astúcia e poderes maléficos, e foi, por isso, tardiamente associado ao Diabo⁵.

A simbologia do bode expiatório é riquíssima e um tanto controversa. Teses e mais teses já foram escritas. Uma indicam o bode expiatório como sendo Jesus, porque ele carrega as culpas e é morto no deserto; outros defendem que o bode expiatório é o Diabo, já que ele é o responsável pela culpa dos humanos, pois fez os primeiros pais pecarem, o primeiro Adão falhar. O importante é frisar que, com o tempo, o bode passou a ser também associado somente ao Diabo.

Na sequência, um dos livros mais sensivelmente filosóficos de todo o Antigo Testamento: o Livro de Jó, o *big brother* celestial. Deus provoca Satanás – que nesse livro é identificado como “um dos filhos de Deus” que frequentava o céu com muita intimidade e liberdade – para uma disputa, onde os dois observariam tudo do camarote. Jung, em *Resposta a Jó*, afirma que “Satanás talvez seja um dos olhos de Deus que *perambula sem rumo certo pela terra*” (Jung 2001: 16). Jó vai duas vezes para o *paredão* sem clemência alguma. Na primeira, Deus permite que Satanás tire tudo que ele tem: fazendas, filhos, servos, bens, e Jó vence. Não satisfeito, Deus pela segunda vez o envia para a beira do abismo e permite que Satanás toque em sua carne, mas Jó não renega a Deus e triunfa novamente. A alma de Jó é oferecida numa bandeja para Satanás, há um pacto entre Deus e Satanás. Não seria exagero dizer que o mito de Fausto, muito antes de Marlowe, Shakespeare, Goethe, Tomas Mann, Paul Valéry, Guimarães Rosa, nasceu aqui, com uma diferença: Jó não sabia de pacto algum.

Dezenas de livros e teses já foram escritas sobre Jó e a partir delas nos permitimos fazer algumas considerações⁶. O Livro de Jó consiste em uma *teologia do sofrimento*, pois nele, pela primeira vez, o caráter e a justiça de Deus são questionados por um pobre mortal que sofre muito além de suas forças. Em verdade o confronto não se dá entre Satanás e Jó, mas sim entre Deus e Jó, uma vez que Satanás é apenas um instrumento para realizar a vontade de Deus. Aqui se acentua o caráter destrutivo de Javé. Jó questiona a justiça divina e Deus não responde ao que ele

⁴ Gênesis 6 traz outra versão da queda: a união antinatural de seres celestiais com as filhas dos homens, o que resulta na criação de uma raça de gigantes.

⁵ Em Números 21-8 o símbolo da serpente é positivo. O Senhor, enraivecido contra o seu povo, envia um ataque de serpentes abrasadoras. Moisés intercede pelo povo e Deus manda Moisés fazer uma serpente de bronze e colocá-la sobre uma haste. Quem era mordido pela serpente abrasadora olhava para a serpente de bronze e se curava.

⁶ Sobre esse assunto, pode-se consultar os livros *Resposta a Jó*, de C. G. Jung, e *Jó - a força do escravo*, de Antonio Negri, e também o capítulo “Confronto” do livro *Deus, Uma biografia*, de Jack Miles.

pergunta, considera isso uma ousadia, sente-se embaraçado e o esmaga, mostrando não sua justiça, mas seu poder, com discurso arrasador.

Se Deus era onisciente, por que provocou Satanás? Afinal, nem ele pode ser tentado além do que pode resistir... O autor desse livro “[...] imagina Jó sofrendo em um mundo governado por um deus que faz apostas com o demônio, manipulado e controlado por um demônio” (Miles 1997: 347). Retomamos nossa ideia, anteriormente já exposta: essa aposta funda o pacto e o mito de Fausto, enfim, revelamos um mundo regido por dois demônios orgulhosos, e a partir daí o caráter demoníaco do Senhor Deus. O imenso discurso de Deus de nada serve. O silêncio de Jó é o silêncio dos vencedores e o silêncio de Deus é o silêncio dos perdedores. A partir de então Deus não fala mais no restante do Antigo Testamento.

Explicitamos aqui toda essa rápida exegese para ilustrar que, no Antigo Testamento, não existe a figura do Diabo. Tanto o bem quanto o mal procedem de Deus. Citamos alguns exemplos: a destruição de Sodoma e Gomorra, a Torre de Babel, as dez pragas do Egito. Corrobora nosso pensamento Gerald Messadié que, em sua *História geral do Diabo*, afirma:

Deus é assim, no Antigo Testamento, simultaneamente o Bem e o Mal. O Diabo não é senão o seu servidor e nunca se encontra o conflito que colora tão fortemente o Novo Testamento, onde o Diabo aparece sempre como o inimigo de Deus e o *Príncipe deste mundo*, em oposição ao Rei dos céus [...] a teologia do Antigo Testamento não concebe senão um pólo único no universo, e o Diabo nunca tem aí senão um papel conforme à vontade do Criador. Satanás é o Mal? **Não, ele é o sofrimento pretendido pela vontade de Deus.** (Messadié 2001: 303)

O Novo Testamento já inicia com o episódio envolvendo o Diabo: a famosa tentação de Jesus, relatada em Mateus 4. Ele é descrito como o tentador, mas Jesus não se assusta com sua presença, parece que são conhecidos de longa data. Se pensarmos na inteligência de Lúcifer e sua magnífica revolta, que levou consigo a terça parte dos anjos, as perguntas do Diabo são simplesmente ridículas. Como todos sabem, Jesus resiste à tentação. Em todo o Novo Testamento são muitos os casos de possessão demoníaca como, por exemplo, o endemoninhado de Gadara. Jesus curou diversos endemoninhados, e a palavra demônio passou a ser associada ao Diabo.

Aqui temos um problema com a etimologia da palavra. No Velho Testamento, *Satan* é uma palavra em hebraico que significa adversário. Em Jó, Satanás é um Membro do Conselho de Deus. Até aqui, *Satan* não é o Diabo, só se tornará o Diabo pelos comentaristas cristãos. O problema ocorre quando o Diabo passa a ser designado pela palavra *dáimon* ou demônio. Luther Link esclarece que “um *dáimon* era um espírito mediador entre deuses e homens” (Link 1998: 25).

Esse *dáimon* poderia ser um espírito bom ou perverso, porém quando da escrita do Novo Testamento em grego a palavra *dáimon* manteve somente a acepção de espírito do Mal. Aqui está, portanto, a origem do termo endemoninhado: aqueles que estavam possuídos pelo Diabo. Na realidade, Oscar Quevedo, em sua obra *Antes que os Demônios voltem* (1989), esclarece que todos os casos de possessão demoníaca do *Novo Testamento* envolviam pessoas com sérios distúrbios psíquicos. O Novo

Testamento se desenrola e o Diabo progride junto com ele. O evangelista Lucas informa que Satanás entrou em Judas e por isso Judas traiu Jesus. Deduzimos então que Judas, outro marginal do Novo Testamento, era inocente. O próprio Jesus foi acusado pelos fariseus de estar endemoninhado já que, segundo eles, expulsava demônios pelo poder de Belzebu. Lucas faz com que os demônios sejam os primeiros a reconhecerem a divindade de Jesus ao afirmarem: “Ah! Que temos nós contigo, Jesus Nazareno?... Bem sei que és o santo de Deus!” (Lucas 4:34). Os párias reconhecem o eleito e iluminado antes dos discípulos amados!

O evangelista João o aponta como sendo homicida desde o princípio do mundo, *pai da mentira*, e *príncipe do mundo*. Na sequência o apóstolo Paulo, em todas as suas cartas, amedronta os cristãos de sua época fomentando a existência do Diabo. É São Pedro quem afirma em sua primeira epístola: “Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda de derredor, como o leão que ruge procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé” (Pedro 5:8).

É no Apocalipse, entretanto, escrito em torno do ano 100 d.C., que finalmente é estabelecida a conexão entre a revolta de Lúcifer, a queda dele e da terça parte dos anjos, a queda de Adão e Eva e o episódio da serpente no paraíso, a tentação de Jesus e o grande Armagedon – a batalha final do bem contra o mal. Citando:

Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles. **E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, e com ele, os seus anjos.** (Apocalipse 12:7-9)

Robert Muchembled, em seu livro *Uma história do Diabo* (2001), resume as conexões da trajetória de Lúcifer/Serpente/Satanás/Diabo:

Precisaram, assim, casar a história da serpente com a do rebelde, do tirano, do tentador, do sedutor concupiscente e do dragão todopoderoso. Um autor declarou recentemente que a vitória do cristianismo neste domínio consistiu em tomar emprestado um dos mais importantes modelos narrativos do Oriente Próximo: o mito cósmico do combate primordial entre os deuses, que tem na condição humana seu desafio fundamental. Esta versão pode, segundo ele, ser assim resumida: um diabo rebelde ao poder de Jeová faz da terra uma extensão de seu império para nela reinar pelo poder do pecado e da morte. “Deus deste mundo”, como o denomina São Paulo, ele é combatido pelo filho do Criador, o Cristo, por ocasião do mais misterioso episódio da história cristã, a Crucificação, que combina uma derrota e uma vitória simultâneas. A função de Cristo no decurso dessa luta, que só terminará no fim dos tempos, é ser o libertador potencial da humanidade, em confronto com Satã, seu adversário por excelência. (Muchembled 2001: 19)

Do Diabo bíblico passemos para o Diabo dos teólogos, afinal a teologia se ocupa dele quase tanto quanto Deus, uma vez que a criatura se tornou tão famosa quanto seu criador.

1.2. O Diabo e os Teólogos

Na Teologia muitas foram as obras e muitos foram os concílios que trataram da trajetória e da existência de Lúcifer, e seria uma tarefa hercúlea relacioná-los, por outro lado registramos algumas referências. A existência do Diabo é um dogma de fé e encontramos isto no 4º Concílio de Latrão, de 1215. Essa mesma ideia está presente no Catecismo da Igreja Católica. Tanto o Concílio de Latrão como o Catecismo da Igreja Católica informam que Satanás e os outros demônios eram por natureza espíritos criados por Deus e, portanto, originalmente bons, mas caíram no pecado no exercício de sua vontade livre. A existência de Deus bem como a existência de Satanás são dogmas do Cristianismo, e negar a existência tanto de um como de outro é considerado heresia.

A Igreja Católica, a Bíblia e os dogmas confirmam a existência de Lúcifer. Nenhum Papa, nenhum Concílio jamais colocaram em dúvida a existência de Lúcifer. Citamos novamente o exegeta jesuíta J. M. Martins Terra, em sua obra *Existe o Diabo? Respondem os Teólogos*:

Não há dúvida alguma que Paulo VI espelha fielmente o Magistério ordinário, *bi-milenário* da Igreja, quando pronuncia estas palavras. **A existência do Diabo nunca foi negada por nenhum Papa, nenhum Concílio, nem nunca foi posta em dúvida por nenhum heresiarca.** Sem dúvida alguma é uma verdade de *Fide Divina et Catholica* pelo Magistério Ordinário da Igreja. **Logo é um dogma de fé.** (Martins Terra 1975: 277-278)

Ou seja, crer no Diabo é um dogma de Fé e o Sínodo I de Braga, sob o comando do Papa João III, afirma que, se alguém pensar de forma diferente, pode ser considerado anátema⁷. O próprio Concílio Vaticano II menciona a existência do demônio, porém após esse Concílio surgiram algumas heresias sobre esse tema e houve certa apostasia de uma parte do clero. Ocorreu o que se denominou de exegese moderna. A partir de então surgem, nas últimas décadas, as ideias do protestante R. Bultmann, teórico da chamada “desmitização”, que consiste na negação de todos os milagres, de todo o sobrenatural dos *Evangelhos*. Isso é levado às últimas consequências por alguns de seus discípulos, que passaram a adotar o nome significativo de “teologia da morte de Deus”. Quanto a isso, Martins Terra esclarece que:

Os discípulos de Bultmann, sobretudo os teólogos da “Teologia da morte de Deus” foram menos hipócritas, mais coerentes e puseram a nu

⁷ Em 2007 o Papa Bento XVI, em um sermão em Roma, reiterou a existência do Inferno, não como imagem literária, mas realmente como um lugar em que as pessoas queimam pela eternidade.

toda a verdade. **[Para eles] Não foram somente os anjos e demônios que morreram, mas sim o próprio Deus.** De fato toda essa literatura que versa sobre a impossibilidade de anjos e demônios é bastante ambígua. Basta, porém, trocar a palavra anjo e demônio pela palavra Deus e ela perderá toda a sua equivocidade, mostrando toda a sua significação e adquirindo uma densidade profundamente filosófica. (Martins terra 1975: 196)

Essa chamada *heresia* se infiltrou sorrateiramente no clero católico. A dúvida da existência ou não de anjos e demônios, bem como a dúvida sobre a existência de Deus, chegaram à alma da Teologia Católica por meio da exegese moderna. Observemos que a *Teologia da morte de Deus* implica também na Teologia da morte do Diabo. Outros teólogos vão em direção oposta, não negam a existência de Deus ou a existência do Diabo, nem a morte de um ou outro, declaram que ambos pertencem à esfera do sagrado e que o ponto de vista do observador é que vai qualificar a natureza do sagrado – se positivo ou negativo, divino ou demoníaco. Deus e o Diabo aparecem então como construções mentais, símbolos explicativos para o mesmo e único *Sagrado Incondicional* ou o *Deus-acima-de-Deus* do qual Paul Tillich fala em *A coragem de Ser* (1972).

A primeira menção do *demônico* em Paul Tillich ocorre num artigo de 1923 sobre o Socialismo Religioso, chamado *Grundlinien des religiösen Sozialism*. No entanto, a articulação do conceito começa a firmar-se realmente em sua obra *Filosofia da Religião*, de 1925. Nessa obra, o *demônico* aparece em contraposição ao divino e ambos estão inseridos na esfera do Sagrado. Para Tillich, “o **demônico é o Sagrado precedido por um sinal 'menos': o antidivino sagrado**” (1969: 74), o sagrado negativo, destrutivo, entretanto ainda é sagrado, uma vez que provém do mesmo abismo de onde flui a graça.

A despeito das posteriores revisões que Tillich fez do conceito de *demônico*, continuam a persistir elementos da mística de Böhme⁸ – o demônico participa do próprio Abismo incondicional –, da ontologia de Schelling⁹ – as potências

⁸ Jakob Böhme (1575-1624), filósofo e místico alemão, foi educado dentro do luteranismo e foi acusado de heresia pelo teor polêmico de suas obras. Após diversas visões e experiências místicas, publicou seus livros: *Aurora (Die Morgenroete im Aufgang, 1610)*, *Christosophia (der Weg zu Christo, 1623)*, *(De Signatura Rerum e Misterium Magnum 1618-1624)*. Seus discípulos se espalharam por toda a Europa e ficaram conhecidos como os *boehmistas*. Seus estudos centravam-se na natureza do pecado, do bem e do mal. Cria que Deus restauraria o mundo ao estado primitivo da graça. Atualmente suas obras são estudadas e admiradas por diversas comunidades de espiritualistas, místicos, martinistas, teosofistas e filósofos em todo o mundo.

⁹ Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (Wurttemberg, 27/01/1775 – 20/08/1854). Filho de protestantes foi educado em estudos clássicos e bíblicos, Conviveu com Hegel e Hölderlin e lecionou nas mais importantes universidades alemãs. Suas obras foram conhecidas só após sua morte. Seus estudos voltam-se para a questão do “eu absoluto”, do “eu incondicionado”, Deus. O mundo para Schelling dá-se a partir do espanto, da admiração. Este pensador resgata a experiência do espanto encontrada em Platão. Esta experiência é a experiência da totalidade, da intuição estética. Acredita que somente a linguagem poética pode dar conta de falar sobre esta experiência. A poesia é, para o autor, a única forma possível para falar de Deus, de dizer sobre o indizível, o absoluto, o infinito. Deus é compreendido por este autor como um fenômeno. Deus é natureza, e gradativamente revela-se com as transformações da natureza, o que possibilita que Deus se auto-descubra o tempo todo. O eu, assim

primordiais - e da fenomenologia de Rudolff Otto¹⁰ - na essência do Sagrado não há distinção entre divino e demoníaco. O que une essas três influências é a intuição de que o demônico não é um poder autônomo independente do sagrado, mas participa de sua própria essência.

1.3. O Diabo na crista da onda da teoria

Nunca tantos escreveram tanto sobre o Diabo como na atualidade. O herói recriado por John Milton (1608-1674), retratado por William Blake (1757-1827), adotado pelos românticos, está na moda, agora sem a barba, os chifres e o rabo que o caracterizavam na Idade Média. Luther Link em *O diabo - A máscara sem rosto* (1998) defende a ideia que no *Antigo Testamento* Satanás não era adversário de Deus, mas o seu cúmplice. Para ele o Diabo não é uma pessoa e pode ter muitas máscaras, porém, sua essência é uma máscara sem rosto. Link relembra que para o Filósofo Espinosa (1632-1677), Deus entregou ao Diabo os pecadores. Deduz então que o Diabo é usado por Deus, trabalha para Deus, e nesse sentido não está em conflito com ele. Termina a introdução de sua obra e a apresentação deste personagem espinhoso afirmando:

O Diabo não é meramente uma criação literária. **Ele é real, faz parte da realidade da civilização ocidental.** Talvez o motivo de o Diabo despertar nosso interesse resida no fato do Diabo definir Deus tão seguramente quanto Deus o define. **Graças a Deus pelo Diabo.** (Link 1998: 22)

Alberto Cousté em sua *Biografia do Diabo* (1996) apresenta ideias brilhantes e inovadoras sobre o biografado. Para ele não podemos fechar os olhos diante da evidência da sacralidade do Diabo. Aqui ele vai ao encontro da tese defendida pelo teólogo Tillich que afirma que o Diabo é *o sagrado com o sinal negativo e, no entanto, provém da mesma fonte de onde flui a graça.* Cousté afirma que o Diabo sempre foi fiel ao homem e seu pavoroso drama de viver e relembra que na Idade Média o Diabo era chamado de *o macaco de Deus*, já que o imitava em tudo. Também afirma que o Diabo não é propriedade de nenhum hermeneuta e que o grande problema de Lúcifer foi o seu equivocado amor pelos homens. Defende que Lúcifer é a mais alta potência da

como as coisas, é uma forma finita de Deus. Isto, para Schelling é liberdade, pois diz respeito a todas as possibilidades de ser, de revelação de infinito. Esta noção é contrária à de um Deus Moral e dogmático e à da praxis de Kant. A tragédia do eu, para Schelling, é saber que a infinitude habita a finitude de seu corpo. Esta consciência dá ao homem a possibilidade de angustiar-se, pois ele sabe que dentro dele há um pedaço de Deus, sem, contudo, poder sê-lo. O homem traz com ele a missão de revelar-se e para isto, precisa entrar em sintonia com o Absoluto. Há um mal no homem, quando ele distancia-se de sua limitação e julga-se ilimitado. É um revelar-se equivocadamente, pois neste momento, distancia-se de Deus e da harmonia da natureza, iludindo-se enquanto possuidor de um poder divino.

¹⁰ Rudolf Otto (25/09/1869 - 6/03/1937), eminente teólogo protestante alemão, erudito em religiões comparadas. Autor de *The Idea of the Holy*, publicado pela primeira vez em 1917 como *Das Heilige* (considerado um dos mais importantes tratados teológicos em língua alemã do século XX). Criador do termo *numinous*, o qual exprime um importante conceito religioso e filosófico da atualidade.

criação e que era dotado de uma agudíssima consciência de si mesmo e que a única coisa que ele quis era que os homens fossem iguais aos deuses. Termina a apresentação do biografado afirmando:

O Diabo é dor de Deus. Na medida em que amou Satã até o extremo de fazer dele a mais bela e luminosa de suas criaturas e na medida em que, apesar disso – ao haver-lhe dotado de livre arbítrio –, não pode impedir sua queda, Deus passou a sofrer por seu anjo imediatamente depois de tê-lo condenado. Desterrado da relação de puro amor que havia presidido sua criação e sua vida na glória, o Diabo foi condenado precisamente ao mais atroz dos castigos: **o da incapacidade de amar.** (Cousté 1996: 22)

A tese geral de Cousté é que, o que leva o Diabo a viver ruminando, desconsolado, impotente, tecendo armadilhas, é sua *nostalgia do céu*. Já para Northrop Frye em sua obra *Códigos dos Códigos* – “a base do papel que Satã representa na Bíblia é o papel de promotória” (2004: 76). Para Messadié em sua *História geral do Diabo* (2001) o mito do Diabo é um mito espinhoso, Gênesis é original por apresentar a serpente como prefiguração de Satanás, o Diabo não existe no Antigo Testamento sendo que o Bem e o Mal são oriundos exclusivamente da vontade de Deus. Para este crítico, no *Novo Testamento* Satanás perde o estatuto de membro do conselho celestial que tinha no livro de Jó e passa a ser o adversário de Jesus, portanto, é a partir do *Novo Testamento* que Satanás se divorcia de Deus. Ainda defende a ideia de que no *Antigo Testamento* Deus e o Diabo tinham relações extremamente secretas e que foi a partir da grande crise do Judaísmo, com o nascimento de Jesus, e a fundação da religião cristã, na charneira das duas eras que o Diabo se define como inimigo confesso e eterno de Deus.

Em seu livro *A revolução Luciferiana* (2007), Adriano Camargo Monteiro defende alguns pontos de vista interessante sobre o que ele denomina de *doutrina luciferiana*, *arquétipo luciferiano*, ou *luciferosofia* entre os quais: Lúcifer é uma livre personificação de toda liberdade condenada por dogmas vigentes, o fato de o nome Lúcifer não constar na *Bíblia*, que não há fundamento bíblico para identificar Lúcifer com o Diabo, o verdadeiro significado de Lúcifer é pré-cristão abrigo em si muitas outras implicações além da meramente teológica. Acrescenta que Lúcifer é um arquétipo – *arquétipo luciferiano* – anterior à teologia ortodoxa judaico-cristã, de busca pelo saber dos deuses tal como Prometeu, Eósforo, Héspero, Hespérides da mitologia grega. Afirma que Deus, deuses e demônios sempre foram criados à imagem e semelhança do homem e que o monoteísmo judaico-cristão, por abrigar Deus e o Diabo, já nasce um monoteísmo politeísta, entende Lúcifer como *doador de conhecimento* e superior ao *Deus judaico-cristão*, *antropomórfico*, *patriarcal*, *ciumento* e *iracundo*... O autor concebe o Diabo como criação meramente cristã, como *filho predileto e bajulado da Igreja*. Citando o autor:

[...] podemos considerar a doutrina luciferiana como sendo independente da teologia ortodoxa judaico-cristã, entre outras religiões

monoteístas, tendo como fundamento um arquétipo universal – ou mito – originado de eventos cósmicos espirituais e humanos.

O arquétipo luciferiano é recorrente em vários mitos de vários povos de várias épocas, pois é uma manifestação, expressão e personificação de uma força, de um poder, e é a reminiscência de um ser divino e de eventos cósmicos e naturais, sob diversos nomes conforme a época e o lugar. Como exemplo, temos Prometeu, o titã que se apoderou do fogo sagrado do Olimpo para doar à raça humana. (Monteiro 2007: 11)

Gerald Messadié formula a pergunta que não quer calar: “Existe um ou muitos Satanás?” (2001: 309). Respondemos a pergunta: muitos. E é por isso que Lúcifer, Satanás, o Diabo se apresenta como magnífico personagem para a Literatura, Pintura e Música, além de ser, é obvio, muito importante para a Teologia, quase tanto quanto Deus.

2. Madalena – De Prostituta a Discípula Amada

Neste segundo momento apontamos uma das mais amadas e controvertidas personagens bíblicas que foi marginalizada por muito tempo. Talvez não fosse o caso aqui de falar de uma poética madalênica, mas sim de uma antipoética, de uma antidisséia madalênica. O que aconteceu com a trajetória desta intrigante mulher, uma das mulheres mais importantes dos *Evangelhos*, que passou de Discípula Amada e Apóstola predileta de Jesus para o papel de meretriz, profissão que efetivamente ela nunca exerceu? Quem afinal era Maria Madalena e quais os mistérios que pairam sobre sua verdadeira identidade? Por que ocorreu a fusão das chamadas três Marias¹¹? Qual é o papel da ficção no resgate da possível biografia desta mulher que saltou magnificamente das páginas da *Bíblia* para o imaginário popular ocidental como uma esfinge a ser decifrada e que contém em si um farfalhar de hipóteses...? O que a Literatura pode fazer por ela já que a Teologia demorou quase dois mil anos para começar a mudar sua visão distorcida desta mulher que foi um marco fundamental na formação do cristianismo primitivo. Por que quando se fala em Madalena, as pessoas se lembram das seguintes imagens: 1) uma mulher ungiendo os pés de Jesus com óleo e lágrimas e secando os pés do profeta da Galileia com seus próprios cabelos; 2) uma mulher quase sendo apedrejada por adultério; 3) uma prostituta arrependida e penitente ou pior ainda, 4) uma mulher pecadora e sedutora que tentou atrapalhar a missão do Messias prometido?

Recorramos à *Bíblia* para sondarmos a biografia de Madalena. O evangelista Lucas, no capítulo 8 está narrando sobre as mulheres que seguiam Jesus e acrescenta no versículo 2:

¹¹ Esta própria definição, *três Marias*, é incorreta, porque uma das mulheres envolvidas na miscelânea de erros sequer é nomeada: temos Maria Madalena, ex possessa; Maria, irmã de Marta e Lázaro e uma pecadora que ungiu Jesus e que não é nomeada. Ainda se acrescenta a estas três mulheres, o perfil de uma quarta: a adúltera que quase foi apedrejada e que foi salva por Jesus.

[...] e também algumas mulheres que haviam sido curadas **de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios;**

E Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Suzana e muitas outras, as **quais o seguiam com seus bens.**

Madalena foi salva, convertida dos pecados do espírito (enfermidades), passando a seguir Jesus, juntamente com todas as outras mulheres, entre elas Joana e Suzana. Note-se que o versículo diz que Madalena, incluindo Joana e Suzana, foram curadas de *espíritos malignos e enfermidades*, mas só no caso de Madalena o espírito maligno foi tomado como sinônimo de prostituição. Cabe aqui ressaltar a hipótese bastante razoável de Jean Yves Leloup que em seu romance *Maria Madalena – uma mulher incomparável* (2004), aponta estes demônios (obstáculos – *shatan* em hebraico) como doenças psicossomáticas. Segundo o autor, estes sete demônios poderiam ser obstáculos para uma vida plena em espírito e poderiam ser identificados como: gula ou bulimia, cólera, estupidez e irascibilidade, lassidão, tristeza, estupidez, orgulho. Enfatizamos que no tempo de Jesus, as doenças mentais eram explicadas como casos de possessão demoníaca. Para corroborar nosso argumento recorreremos ao livro *O Diabo no imaginário cristão* (2000), de Carlos Roberto Nogueira que esclarece:

Sob a ordem de seu mestre, os demônios se ‘apossavam’ igualmente dos indivíduos, provocando problemas como a epilepsia, a paralisia histérica, ou ainda, o entorpecimento dos corpos. **Nessa ordem de idéias, os milagres de Cristo – que consistiam, em sua maior parte, precisamente na cura desse gênero de problemas** – eram considerados como medidas enfraquecedoras do poder de Satã, cada milagre abrindo uma espécie de brecha na autoridade maligna. (Nogueira 2000: 27)

Leloup lembra também que quem está possuído não pode pecar, já que não é dono de si. Só quem é livre pode pecar. Ou seja, Maria Madalena não cometeu pecado algum, uma vez que estava possuída e, portanto, não era dona de seus atos. O uso do termo *madalena arrependida* tão comum no nosso país é completamente despropositado. Arrependida de quê? Ela não foi uma meretriz para se arrepender e se estava endemoninhada não era responsável por nada que tenha feito. Este arrependimento destrói a noção de graça apresentada pelos *Evangelhos*.

Notamos algo interessante nos relatos do evangelista Lucas no capítulo 8, versículo 2, anteriormente já citado e no evangelista Marcos no capítulo 16, versículo 9. Marcos ao narrar o aparecimento de Jesus para Madalena, acrescenta: “Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, **apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios**” (negrito nosso). Os dois evangelistas fazem questão absoluta de reafirmar a condição de ex-endemonhada de Madalena e Marcos o faz de maneira quase mesquinha e maliciosa. Por que os dois evangelistas insistiam tanto no passado doentio desta Mulher? Mistérios...

Voltando ao Capítulo 7 do *Evangelho Segundo São Lucas*, temos o relato do episódio da pecadora que ungiu os pés de Jesus. Sobre esta mulher, o evangelista afirma que era pecadora, que entrou sem ser convidada, portando um vaso de

alabastro cheio de unguento. Após quebrá-lo – o que denota desprendimento das coisas materiais – prostra-se perante Jesus chorando e regando os pés dele com suas lágrimas e enxugando os mesmos com seus cabelos, beijando os pés do Mestre e o unguindo-o¹². Para a mentalidade patriarcal e machista daquela época isto foi um verdadeiro escândalo: a quintessência do feminino: perfumes, lágrimas, choro, cabelos soltos. O texto não esclarece que tipo de pecado ela havia cometido, mas como era mulher, logo, pressupôs-se que era uma adúltera. Cabe esclarecer que no primeiro século, se uma mulher apenas conversasse com outro homem que não fosse seu marido, ela já era considerada *pecadora*. Em várias outras partes dos *Evangelhos*, aparecem homens dos quais são perdoados os pecados, pecados estes que não são especificados, mas, nem por isto, são taxados de prostitutas. Ou seja, esta mulher, que é denominada de *pecadora*, que não é nomeada e que ungiu os pés de Jesus, usurpando uma prerrogativa masculina e sacral, não era Maria Madalena que não esteve aos pés de Jesus nesta cena da unção, nem banhou seus pés com lágrimas e óleo e nem tão pouco enxugou os pés do mesmo com seus cabelos. Cabe lembrar que a única cena em que Madalena aparece aos pés de Jesus, é narrada somente pelo evangelista Mateus. Ressaltamos que esta é única vez que Madalena aparece abraçada aos pés de Jesus e que não é a mesma cena da unção, mas ocorre por ocasião da ressurreição, e ela não está só; está acompanhada por outra mulher. As duas mulheres abraçam os pés de Jesus e não há menção alguma de cabelos, beijos e perfumes. Em Mateus 28:1-9 temos o relato desta cena:

Ao findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, **Maria Madalena e a outra Maria** foram ver o sepulcro... E eis que Jesus veio ao encontro delas e disse: Salve! E elas, aproximando-se, **abraçaram-lhe os pés e o adoraram.**

Os Evangelhos – biografias da vida de Jesus – cujas autorias são atribuídas a Lucas, Marcos, Mateus e João foram escritos entre os anos 70 e 90 de nossa era. Não há originais destes *Evangelhos* e as cópias mais antigas são os chamados *códice Vaticanus* e o *códice Sinaiticus*. Estes códices, por meio de análises científicas, foram datados como pertencentes ao século IV e foram encontrados em 1859 no Mosteiro de Santa Catarina do Monte Sinai, Egito, por Constantino von Tischendorf. Lembramos que as tradições orais antecederam a escrita dos *Evangelhos* e, certamente, as narrativas orais já alteraram em muito a história das mulheres que seguiram a Jesus. Fernanda de Camargo Moro em seu livro *Arqueologia de Madalena* (2006) afirma que

Hoje já se sabe que os **Evangelhos canônicos não são de primeira mão**, isto é, os textos que lemos hoje não nos chegaram sem retoques, ou acréscimos. **Cada um deles é o resultado de um esforço editorial longo, através das sucessivas camadas de informações e sua evolução.** (Moro 2006: 66)

¹² Na realidade os *Evangelhos* apresentam duas unções diferentes: 1) a pecadora que ungiu a cabeça de Jesus com perfume caro e 2) a unção realizada por Maria em Betânia, que ungiu os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos.

A história destas mulheres já chegou alterada e foram interpretadas, filtradas pelos evangelistas que eram homens. O fato é que apesar do androcentrismo dos evangelistas, ainda existem muitas mulheres nos *Evangelhos*: Jesus vivia rodeado de mulheres e concedeu a elas um papel relevante no seu ministério, alterando o machismo vigente na época. Citamos apenas algumas: *Madalena, Maria, irmã de Marta, Joana, Suzana, a mulher cananeia, a Samaritana* e dezenas de outras curadas por ele e suas fiéis seguidoras. Falta aqui mencionarmos, obviamente, sua mãe – Maria.

O grande erro de exegese ocorreu no Sermão feito na Páscoa do ano 591 pelo Papa Gregório, *O Grande*, que além de adjetivar a pecadora de Lucas 7 como prostituta, confundiu-a com Madalena, cuja libertação e conversão está narrada na sequência, no Capítulo 8 de Lucas. Na realidade o Papa Gregório anunciou que Maria Madalena, a mulher pecadora (prostituta?) e Maria de Betânia eram uma só. Nasceu deste erro a ideia de que Madalena fosse uma prostituta. Esta mulher pecadora de Lucas 7 foi identificada pelo Evangelista João (11:2) como Maria de Betânia, irmã de Lázaro (esta identificação não ocorre nos outros *Evangelhos*). Acrescentou-se a isto a imagem da mulher que quase foi apedrejada por adultério, cujo relato é feito pelo evangelista João no Capítulo 8:1-11 e a qual Jesus salvou, escrevendo na terra, em frente ao templo, os pecados daqueles que estavam tentando condená-la. Esta mulher adúltera não é nomeada. Interessante que a primeira e única vez que temos uma escritura crística, em que Jesus aparece escrevendo, ele o faz diante de uma mulher condenada por adultério, portanto, pecadora. O que ele escreveu, só ela – uma mulher – leu e mais ninguém no mundo. Cabe aqui uma pergunta, onde estava o homem adúltero? Mistérios...

Ou seja, à biografia e perfil de Madalena, que pelo texto de Lucas, sofria de algumas enfermidades psicossomáticas, foram acrescentados o perfil de uma mulher pecadora que ungiu os pés de Jesus, com sua feminilidade explícita (perfumes, lágrimas, cabelos soltos), motivo de seu pecado ter sido identificado com a prostituição, mais o episódio do quase apedrejamento de uma mulher adúltera, quem nem sequer é nomeada por João. Estava feita a confusão, a síntese de três biografias, formando o tríplice rosto de Madalena – endemoninhada, pecadora e prostituta – que já perdura há quase dois mil anos. O imaginário cristão medieval, ao misturar num só rosto o rosto de diversas mulheres, criou uma fantasia perturbadora sobre a sexualidade de Madalena e assim sua memória foi conspurcada, transformando-se num dos casos mais escabrosos de erro exegético e teológico.

É Moro que em sua obra *Arqueologia de Madalena* (2006) afirma o seguinte:

Por essa má interpretação de textos, muitas vezes decorrentes de traduções incorretas, sua imagem foi sendo formada ao longo dos séculos como mulher pecadora, alguns até chegaram a julgá-la como prostituta que foi purificada por Cristo e que, como prova de seu amor espiritual, lavou os pés do Senhor e os enxugou como os próprios cabelos. Considerada mulher cheia de pecados, **Madalena passou a representar o arquétipo feminino tradicional, a transmissora do pecado original, que, após ser curada, teria passado a sua vida em penitência e arrependimento.** Assim uma das mais importantes figuras

femininas dos Evangelhos teve seu papel adulterado, o significado de sua presença e de sua obra inteiramente modificados. (Moro 2006: 54)

Madalena é uma mulher que não tem pertença, não pertence a ninguém. Ao contrário de outras mulheres dos *Evangelhos* que são denominadas como irmã de fulano, mulher de sicrano, Madalena só é identificada com o sobrenome do lugar de onde procedia: *de Magdala*, local conhecido pela abundância da pesca e pelo trabalho com fiação. Ela é uma das únicas mulheres a terem o seu segundo nome Magdala citado, justamente com o intuito de diferenciá-la das demais Marias. Deste fato podemos inferir que poderia ser uma mulher solteira, ou viúva e que tinha posses, porque segundo Lucas 8, ela o seguia com seus bens. Cabe ressaltar aqui algo que tem passado despercebido para aqueles que imputam a Madalena a condição de prostituta: se Madalena exercesse a mais antiga profissão do mundo, cairíamos numa situação extremamente constrangedora e ridícula para o cristianismo nascente, já que neste caso, Jesus e seus discípulos teriam sido mantidos com dinheiro vindo de fontes duvidosas... Por outro lado, o adjetivo usado constantemente para qualificar Madalena era de ex-possessa. Se ela realmente tivesse sido meretriz, o adjetivo seria este em detrimento daquele.

Cabe lembrar que dois aspectos importantíssimos da biografia de Madalena foram olvidados: ela era Discípula de Jesus e foi a primeira pessoa para quem Ele apareceu depois da ressurreição, ou seja, ela foi a **primeira testemunha da ressurreição**. Em Marcos 16:9 temos: "Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu **primeiro** a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios". Interessante observar que os discípulos com medo de serem incriminados como cúmplices não estavam presentes nem no Calvário, nem no Sepulcro. Lá estavam somente as frágeis mulheres, vigiando os acontecimentos. Parecem que só as mulheres tinham a sensibilidade para perceber que algo de sobrenatural aconteceria ali naquela tumba fria. Só sabemos que Madalena estava no sepulcro, porque não havia nenhum homem, se houvesse não saberíamos que ela e as outras mulheres lá estavam, porque a importância do um único homem suplantaria a presença de meia dúzia de mulheres.

É o evangelista João quem no capítulo 20, versículos 14 a 18, informa que

Tendo disto isto, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não reconheceu que era Jesus.

Perguntou-lhe Jesus: **Mulher, porque choras?** A quem procuras? Ela, supondo ser ele o jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, diz-me onde o pusestes, e eu o levarei.

Disse-lhe Jesus: Maria! Ela voltando-se, lhe disse em hebraico: **Raboni (que quer dizer Mestre)!**

Recomendou-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas **vai** ter com os meus irmãos...

Então, saiu Maria Madalena **anunciando aos discípulos: Vi o Senhor!** E contava que lhe ele lhe dissera estas coisas.

O evangelista Marcos esclarece no Capítulo 16, versículo 10 que, enquanto Maria Madalena vigiava o sepulcro aguardando para untar o corpo de Jesus conforme as tradições da época (mirrófoba), os discípulos estavam *tristes e chorando* bem longe dali. Constatamos que as mulheres, nos momentos mais difíceis da vida de Jesus, foram mais leais a Ele que os homens que o seguiam. Não se trata aqui de exaltar o feminino nos *Evangelhos*, mas apenas apontarmos os fatos narrados. Maria Madalena tinha liderança entre as demais mulheres e foi a primeira a ver Jesus após a ressurreição, foi a transmissora da Boa Nova da ressurreição aos demais discípulos que se tornaram os Apóstolos de Cristo. Corrobora nossas colocações Moro, que afirma: “quando ela usa o termo *Rabbuni*, que é uma forma mais solene de dirigir-se ao Mestre – usada quando os judeus se referiam a Deus –, **vemos que ela compreendeu antes de todos o papel que Cristo passara a exercer**” (Moro 2006: 57).

Maria Madalena foi realmente a discípula amada, mas a ortodoxia preferiu chamar a João de discípulo amado, e não a Maria Madalena, porque seu defeito era ser mulher e pior, uma mulher sábia e líder, participando ativamente dos momentos cruciais da vida de Jesus, e isto era demais para a mentalidade conservadora e patriarcal daquela época. Lembramos que o *discípulo amado* não estava na tumba, mas Madalena estava lá aguardando e vigiando. Pedro que negou a Jesus três vezes e que também não estava presente na crucificação foi intitulado de *Príncipe dos Apóstolos*. Por que Madalena não foi denominada Princesa dos Apóstolos?

Madalena era discípula de Jesus e o seguia com seus bens, seu corpo e sua alma. Foi testemunha dos dois piores momentos de sua vida: a Paixão e a Ressurreição. Quando chama Jesus de Mestre, legitimamente se autointitula discípula. Quando Jesus incumbiu Madalena de anunciar a ressurreição, ele confirma o seu Apostolado e Discipulado. Foi Hipólito, bispo heresiólogo de Roma, quem outorgou a Madalena no século III, o título de *Apostola Apostolorum*, fato este posteriormente olvidado pela Igreja Católica. O fato de Madalena ter sido incumbida diretamente por Cristo de anunciar a sua ressurreição a transforma, de certo modo, na fundadora do cristianismo, como já apontou Renan em *Vida de Jesus* (1863). Seria mais correto dizer que ao anunciar a ressurreição Madalena lança a pedra fundamental do cristianismo.

Jean-Yves Leloup elabora no final de seu *Romance de Maria Madalena – uma mulher incomparável* doze interessantes teses sobre Madalena. Em sua sétima tese, considera Madalena como aquela que acompanhou a agonia e a morte de Jesus, mas, principalmente, foi ela a parteira do novo nascimento de Cristo, tornando-se assim uma segunda mãe para ele. A primeira, Maria, sua mãe acompanhou o nascimento carnal, a segunda, Madalena, o nascimento espiritual, a ressurreição dos mortos. Também podemos estabelecer outra relação figurativa que já foi apontada na Introdução do Sermão anônimo francês pertencente ao século XVII, encontrado por Rainer Maria Rilke num antiquário parisiense em 1911, intitulado *L' amor de Madaleine*: se por Eva, num jardim veio a perdição e a morte, por Madalena, também num jardim, veio o resgate e glorificação da mulher. A primeira mulher foi falha e não passava de uma sombra da outra: Madalena. Se por uma mulher – Eva entrou o pecado e coube presenciar a queda do primeiro Adão, por outra mulher, Madalena, foi atribuído o privilégio de presenciar a morte e, principalmente a ressurreição do segundo Adão – Cristo, este sim incorruptível e sem pecado. Esta mesma ideia já

havia sido desenvolvida por Cirilo de Alexandria que em 444 afirmava que em Madalena todas as mulheres foram perdoadas da transgressão de Eva, porque Madalena testemunhou antes de todos a Ressurreição. Em 630, Modestus, patriarca de Jerusalém, levantou a hipótese de que Madalena fora líder das discípulas de Jesus e que morrera martirizada. Santo Agostinho em seu escrito *A Harmonia dos Evangelhos*, distingue Madalena como uma das mulheres mais importantes dos *Evangelhos*.

Jacir de Freitas Faria enumera em sua obra *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os Apócrifos* (2004), suas 13 teses sobre Madalena dos *Evangelhos Canônicos*: 1) Apóstola de Jesus; 2) Mulher possesa de sete demônios; 3) Mulher que sustenta financeiramente a Jesus e seus discípulos; 4) Mulher sem laços familiares; 5) Testemunha da morte; 6) Testemunha do sepultamento de Jesus; 7) Discípula amada de Jesus; 8) Testemunha da ressurreição e anunciadora deste fato aos demais discípulos; 9) Madalena quis tocar o corpo de Jesus; 10) Temeu que não acreditassem em sua mensagem; 11) Foi a primeira pessoa que acreditou que Jesus havia ressuscitado; 12) Mulher de oração; 13) Madalena não era prostituta.

Todos os evangelistas, mesmo sendo explicitamente androcêntricos, dão importância crucial a Madalena na vida do Homem de Nazaré, uma vez que Madalena é citada 12 vezes a mais que Maria, mãe de Jesus. Supomos que Madalena fosse tão conhecida naquela época, praticamente uma celebridade, que era impossível não fazer referência a ela, por isto há uma quádrupla atestação dos evangelistas sobre sua atuação.

Mas as funções de discípula e apóstola, funções primordiais de Madalena, foram ofuscadas pela fusão e confusão em torno de sua tríplice face, criando uma espécie de contínuo poético: a suposta pecadora que ungiu os pés de Jesus foi identificada com a mulher quase apedrejada por adultério, com a mesma que esteve aos pés da cruz e que preparou unguentos para a unção do corpo de Jesus no sepulcro. Tudo isto passou a fazer parte do que chamamos *tradição madalênica*, confirmada pela pintura e pelos filmes da vida de Jesus. Bernardino de Sena, em um sermão latino escrito e pregado na Idade Média, aponta os topos madalênicos da chamada *Magna peccatrix*: busca de prazer, beijos/luxúria, penteado/vaidade, olhar lascivo, caminhar suspeito, tentação, beleza do corpo, abundância de bens/riqueza e muita liberdade. As pinturas da Idade Média e do Renascimento mantêm a *tradição madalênica* ao retratá-la com longos cabelos, na maioria das vezes, loiro ou ruivo, vaso de perfume e manto vermelho. Na Idade Média Madalena torna-se, a partir destes topos, patrona dos perfumistas, dos cabeleireiros, dos fabricantes de luvas e leques e das meretrizes.

Até Mel Gibson no seu mega sucesso encharcado de sangue, intitulado *A Paixão de Cristo* (2004), seguiu a tradição, identificando Madalena com a mulher acusada de adultério, e perdeu uma oportunidade ímpar de esclarecer esta confusão, pelo contrário, colaborou para a manutenção deste imperdoável equívoco.

Por outro lado há um debate em torno do verdadeiro significado das palavras de Jesus dirigidas à Madalena, o mistério do *No me tangere* – *Não me toques* somente relatado pelo evangelista João no capítulo 20:17: “Recomendou-lhe Jesus: Não me toques, porque ainda não subi para meu Pai”. Outras versões trazem “não me detenhas”. Esta frase tem sido muito mal interpretada e alguns veem nela uma

espécie de reprimenda de Jesus ao excesso de amor de Madalena. Porém, para nossas considerações, buscamos uma tradução mais acurada do texto original grego de João que seria “*Não se apegue a mim*” ou “*não me abrace*”¹³. Primeiramente Jesus não se afastou rapidamente dela, nem tão pouco lhe ordenou categoricamente que o fizesse. O texto é claro, Jesus *recomendou-lhe* e também atesta a importância dela, já que uma mulher – Madalena poderia detê-lo, retardá-lo em sua missão maior, uma simples mortal poderia deter um deus imortal que se mostra impressionado, quase que perturbado com o amor assustadoramente humano daquela mulher. Talvez o corpo de Jesus ainda não tivesse sido glorificado. Madalena era demasiadamente humana e Jesus naquele momento fazia a travessia entre o humano e o divino, estava a caminho da transcendência, não havia assumido ainda sua natureza imortal, seja lá o que isto signifique, apenas isto. O amor de Madalena desconhecia as fronteiras e impedimentos teológicos. De forma alguma este *não me toques* está relacionado a algum tipo de reprimenda e censura. Mas na narrativa de Mateus 28:9, Madalena toca em Jesus, abraçando seus pés, e isto ocorre com muita naturalidade.

Não querendo levantar polêmica, é estranho o fato de que apesar de Jesus e Madalena serem tão amigos, tão íntimos, a ponto dele se impressionar, logo após a ressurreição, com o fato de Madalena chorar e perguntar-lhe amorosamente: *Porque choras?*, mesmo assim os quatro evangelistas não relatam uma única frase de Jesus direcionada a Madalena na cruz. Jesus dirige palavras, segundo o evangelista João no capítulo 19:26/27, para sua mãe (*Mulher, eis aí teu filho*) e para o discípulo amado (*Eis aí tua mãe*), mas para Madalena que estava aos pés da cruz, abraçada aos dois, diante do corpo agonizante de Jesus, com seus olhos em direção a ele, nenhum consolo é mencionado, nenhum um único monossílabo é emitido em direção a ela. Penso que este silêncio de Jesus na cruz, somente com relação a Madalena, é um mais um mistério... Ou talvez o silêncio dele em relação àquela mulher dissesse mais do que todas as palavras poderiam dizer. E se ele não disse realmente nada para ela, ela se mostra verdadeiramente uma mulher de fé, pois se lhe foi negada palavra de consolo na cruz, isto não a impediu de vigiar o túmulo e ter a sua recompensa: foi a primeira a ver Jesus ressuscitado e teve a oportunidade de conversar a sós com ele antes de qualquer outra pessoa.

Temos, então dois arquétipos de mulheres no *Novo Testamento*: Maria, mãe de Jesus, casada, pura e assexuada, modelo a ser seguido, e Madalena, sexuada, solteira/viúva, “meretriz” e modelo a ser expurgado, uma espécie de segunda Eva. Não estaria neste aqui a raiz da não ordenação de mulheres até os dias de hoje? Salientamos aqui que, somente em 1969, o Vaticano reconheceu que Madalena efetivamente não foi prostituta. Talvez a penitência tenha sido o suficiente: dois mil anos de arrependimento por um pecado sobre o qual não há comprovação nenhuma. Em 1988, o Papa João Paulo II chamou Maria Madalena de “a apóstola dos apóstolos” num documento oficial da Igreja, e nele, afirmou que “na prova mais exigente de fidelidade e fé” – a crucificação “as mulheres tinham se mostrado mais fortes que os apóstolos”.

Interessante que Madalena foi prostituta sem nunca ter sido. Mas há uma meretriz e mulheres com um passado complicado na genealogia de Jesus, descrita em

¹³ Consultar Hugh J. Schonfiel, *The Original New Testament*, Waterstone, Londres, 1985, p. 529.

Mateus 1: Raabe, que foi efetivamente uma meretriz, Batesebá/Bate Seba (identificada como a Mulher de Urias), a adúltera, e Tamar, que engravidou do próprio sogro. Mas estas não são marginais!

Eis aqui a trajetória de dois párias do cristianismo. Madalena já resgatada pela Teologia e pela Literatura, hoje uma das mais importantes Santas do Cristianismo. Já Lúcifer, *o secundogênito do Pai* na brilhante colocação de Papini, continua sendo o bode expiatório necessário para que o ser humano jogue sobre ele o seu lado sombrio, seus defeitos mais obscuros e inconfessáveis. Bobagem, o ser humano dispensa o Diabo, faz coisas que talvez ele nunca faria... se existisse, claro!

Madalena marginalizada como uma meretriz por quase dois mil anos por ter sido uma mulher livre, sem pertença. Lúcifer, a maior criação ficcional do Cristianismo, primeiro rebelde do cosmos, pária eterno por ter desejado ser igual aos deuses.

THE MARGINAL IN THE BIBLE, LUCIFER AND MAGDALENE

Abstract: This article aims to analyze the trajectory of two marginal characters in the Bible, Lucifer and Mary Magdalene.

Keywords: Theology; Literature; *Teopoética*; Lucifer; Mary Magdalene.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. Ed. ver. e cor. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil.

BLOOM, Harold. *Anjos Caídos*. Tradução: Antonio Nogueira Machado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. *Teologia e MPB*. São Paulo: Loyola, 1998.

COUSTÉ, Alberto. *Biografia do diabo*. Tradução: Luca Albuquerque. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. Tradução: Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FARIA, Jacinto de Freitas. *O Outro Pedro e a outra Madalena segundo os Apócrifos: Uma Leitura de Gênero*. Petrópolis: Vozes: 2004.

FRYE, Northrop. *O Código dos Códigos: A Bíblia e a Literatura*. Tradução: Flavio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

JUNG, C.G. *Resposta a Jó*. Tradução: Mateus Ramalho Rocha. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras: Retratos Teológicos Literários*. Tradução: Paulo Astor Soethe et alii. São Paulo: Loyola, 1999.

LELOUP, Jean-Yves. *O romance de Maria Madalena – uma mulher incomparável*. Tradução: Martha Gouveia da Cruz. Campinas: Verus, 2004.

LEIBNIZ, Gottfried. *Essais de Théodicée sur la bonté de Dieu, la liberté de l'homme et l'origine du mal*. Disponível em:
 <<http://www.leibnizbrasil.pro.br/leibniz-traducoes/teodiceia.htm>>, acesso em 10 dez. 2013.

LINK, Luther. *O Diabo: A máscara sem rosto*. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARTINS TERRA, J. E. *Existe o Diabo? Respondem os Teólogos*. São Paulo: Loyola, 1975.

MESSADIÉ, Gerald. *História Geral do Diabo: Da Antiguidade à Época Contemporânea*. Tradução: Alda Sophie Vinga. Portugal: Europa-América, 2001.

MILES, Jack. *Deus, uma biografia*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MONTEIRO, Adriano Camargo. *A revolução Luciferiana*. São Paulo: Madras, 2007.

MORO, Fernanda de Camargo. *Arqueología de Madalena*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma História do Diabo*. Tradução: Maria H. Kühner. São Paulo: Bom Texto, 2001.

NEGRI, Antonio. *Jó: a força de um escravo*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru: Edusc, 2000.

ONFRAY, Michel. *Tratado de Ateologia*. Tradução: Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PAPINI, Giovanni. *O Diabo*. Tradução: Fernando Amado. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

QUEIRÓS, Eça de. *O Senhor Diabo*. Pará de Minas: VirtualBooks, 2003. Disponível em:
 <http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/O_Senhor_Diabo.htm>, acesso em 28 mar. 2008.

QUEVEDO, G. Oscar. *Antes que os demônios voltem*. São Paulo: Loyola, 1989.

RILKE, Rainer Maria. *O amor de Madalena*. Tradução: Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Landy, 2000.

SANTOS, Walmor. Nostalgia do Amor Ausente. In: *Além do medo e do pecado*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

STANFORD, Peter. *O Diabo: Uma Biografia*. Tradução: Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

TILLICH, Paul. *Filosofia de la Religion*. Buenos Aires: La Aurora, 1969.

_____. *A coragem de ser*. Tradução: Eglê Malheiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

ARTIGO RECEBIDO EM 30/09/2013 E APROVADO EM 22/11/2013